

Outra vez o Petróleo ... mas que aborrecimento!

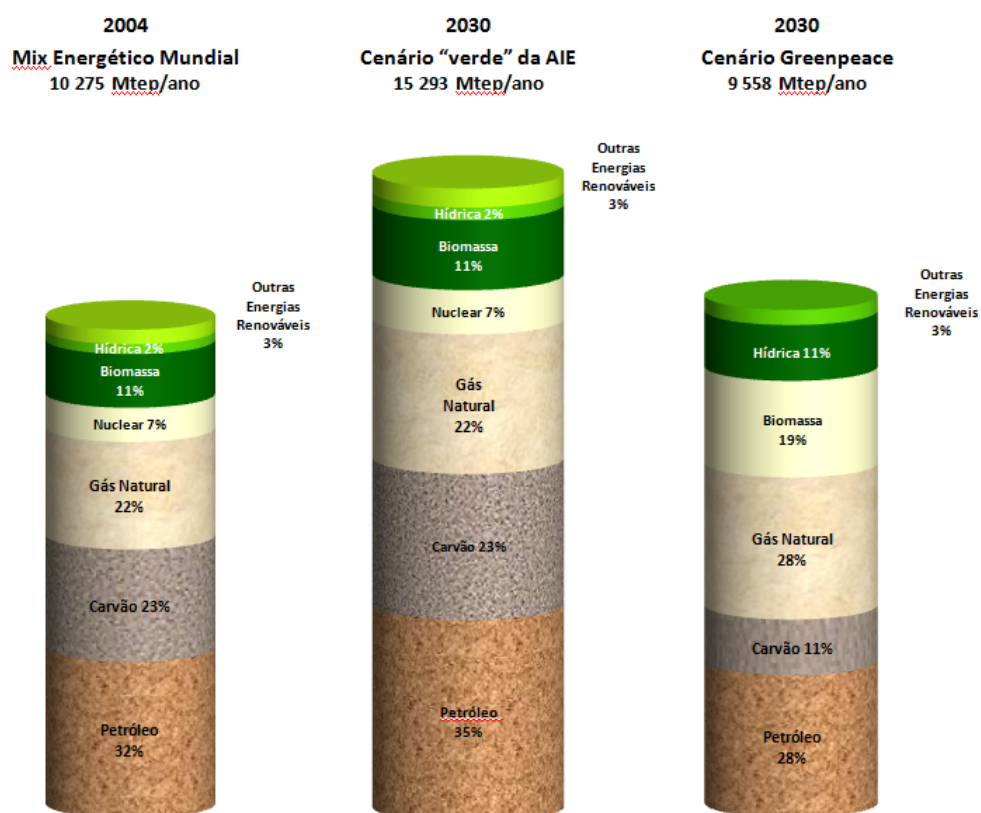
João de Jesus Ferreira¹

Mais uma vez, entre muitas, o petróleo em particular e a energia em geral, voltam a chamar à atenção dos “*media*”, dos políticos e dos consumidores.

Infelizmente, em Portugal, só nos lembramos destes temas quando acontecem “*crises de preços*”. Mas só (e muito) se fala, sem nada se fazer. Foi assim em 1973/1974, em 1979/1980, em 1989/1990 e é assim hoje. O resultado desta incapacidade nacional, de serem tomadas e implementadas medidas eficazes e correctas, é a fraca produtividade energética da nossa economia que se apresenta como uma das piores no seio da OCDE.

Nos últimos anos têm sido lançadas (mas ainda por implementar) algumas medidas no âmbito das energias renováveis e da eficiência energética. Infelizmente estas acções ocorreram tarde e pior, a reboque das exigências (às vezes cegas e quase sempre pressionadas pelos lobbies económicos) da Comissão Europeia, que nos tem obrigado a fazer “*coisas ...incómodas*”. Não se vê iniciativa política interna nem orientações específicas para Portugal, com origem e vontade próprias.

E neste contexto são muitos os erros que a Comissão Europeia nos obriga a implementar, como sejam as aplicações das energias renováveis para a produção de electricidade, salvo a contribuição hídrica ou da biomassa que são as únicas com expressão e regularidade e não têm um custo directo para o cidadão contribuinte.



Fonte: Science et Vie

¹ Engenheiro (IST)
Director, EnergyConsulting

Vejamos o que se passa com a energia eólica em Portugal. A sua contribuição para o consumo total de Energia final nunca será superior a 2 ou 3% e tem um custo enorme para todos nós, que pagamos o kWh produzido a valores escandalosos. Quem beneficia? Os interessados neste negócio, apenas!

Este é um dos muitos exemplos de que as energias renováveis em muito pouco poderão contribuir, quer para a redução das emissões de CO₂ quer para a redução da nossa dependência do petróleo ou do gás natural.

As energias renováveis têm, evidentemente, a sua aplicação específica e a sua utilidade própria. Mas devido à sua muito fraca densidade e à sua elevada intermitência, nunca poderão ter um contributo expressivo no sistema electroprodutor quer em Portugal, quer no Mundo. Tal como a sua contribuição para a redução da nossa dependência energética (petróleo e gás natural) é e será insignificante.

Se analisarmos cada uma das tecnologias de produção de energia no âmbito do seu **Ciclo de Vida**, verificamos que algumas delas são mesmo muito agressivas para o ambiente, e não são isentas de emissões de CO₂. Concluímos, então, que estas **“energias”** não são assim tão **“verdes”** como nos querem fazer ver!

Emissões de CO2 (g) por 1 kWh de produção de energia eléctrica	
Biomassa	55
Hidroeléctrica	8
Eólica	25
Solar Fotovoltaico	60
Nuclear	7
Hydrocarbonetos	400

Toneladas de Aço e Betão utilizado para produzir 1 GW		
Eólica	Aço	125
	Betão	360
Hidroeléctrica	Aço	14
	Betão	1240
Nuclear	Aço	60
	Betão	560

Fonte: Science et Vie

Neste contexto não restam quaisquer dúvidas de que a solução para fazer face à nossa dependência do petróleo e do gás natural nunca passará pelas energias renováveis, tal como as conhecemos hoje.

A **eficiência energética**, não sendo isoladamente **“a solução”**, é a solução que, não só apresenta maior potencial como também é a mais económica por unidade de potência evitada, apresentando impactos mais favoráveis na redução das emissões de CO₂.

Assim é fundamental uma ruptura do paradigma energético se quisermos sobreviver aos elevados preços da energia. Qual o novo paradigma? Ninguém tem respostas objectivas e de concretização imediata! Mas não é com certeza o das actuais energias renováveis.

As acções a implementar no âmbito da energia não podem, nunca, ser conjunturais devendo sim ser estruturantes. Os efeitos de quaisquer medidas, no âmbito da energia, são normalmente a médio e longo prazo.

Quaisquer acções de carácter conjuntural não resolvem problemas, apenas os adiam quando não os agravam. Neste contexto a necessidade de um novo paradigma para a energia é

óbvia. A sua construção terá que se iniciar, desde já, com o desenvolvimento e aplicação de medidas estruturantes e que, enquanto não for encontrado o substituto (economicamente viável) para petróleo, se devem basear na utilização e produção racional e eficiente da energia. Portugal está muitíssimo atrasado na aplicação desta visão, para a energia, que está em curso em muitos países europeus e que, neles, se iniciou logo após o primeiro choque petrolífero de 1973/1974.

Este novo paradigma, tão necessário, passará sobretudo por uma profunda alteração do comportamento humano face à energia, e pelo desenvolvimento de novas fontes de energia, alternativas, como sejam o nuclear (fusão ou fissão nuclear), o hidrogénio ou...

Não fiquemos tão satisfeitos (quanto ele) quando o nosso Primeiro-ministro se deslumbra por sermos o **“número um”** em “eólicas”. É no mínimo, de estranhar e preocupante, quando somos o **“último número”** em quase tudo, na Europa. ... E os outros países? Estão distraídos? Ou serão incompetentes? ... Provavelmente não têm um **“engenheiro especial”** á frente dos seus governos!

Lisboa, 6 de Junho de 2008

João de Jesus Ferreira